

A LUSITÂNIA ENTRE ROMANOS E BÁRBAROS

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
M. CONCEIÇÃO LOPES
PEDRO C. CARVALHO

[COORD.]



COIMBRA | MANGUALDE | 2016

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

A Lusitânia entre Romanos e Bárbaros

COORDENAÇÃO

José d'Encarnação

M. Conceição Lopes

Pedro C. Carvalho

CAPA

José Luís Madeira

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO

José Luís Madeira

EDIÇÃO

Instituto de Arqueologia | Secção de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra

IMPRESSÃO

Sersilito, empresa gráfica, lda

ISBN

978-972-9004-31-5

DEPÓSITO LEGAL

413034/16

TIRAGEM

500 exemplares



In Memoriam

VENTO E ARAGEM

Essa, a sensação: o João chegou, parou uns momentos e... abalou!
Se foi vento, por tudo abarcar e depressa, também foi aragem - na intensa
vivência serena de cada momento.

A realização desta mesa-redonda prova a sua tenacidade no cumprimento
- difícil! - de um compromisso assumido.

Honra ao mérito!

Requiescat in pace!

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

FORMULÁRIOS EPIGRÁFICOS – INOVAÇÃO E CONTINUIDADE

José d'Encarnação

Ceaacp - Coimbra

Resumo

Identificam-se, com exemplos, casos em que se verifica continuidade e em que há diferença na terminologia e na decoração dos monumentos funerários paleocristãos, por comparação com monumentos funerários romanos. Se a decoração não apresenta mui visível diferença, certo é que há notável oposição entre as concepções religiosas subjacentes às expressões utilizadas.

Palavras-chave: epitáfios romanos, epitáfios paleocristãos.

Résumé

On donne des exemples de monuments funéraires – paléochrétiens et romains – où on peut identifier des continuités et des différences. Il est de signaler que la décoration peut se maintenir identique, tandis que les conceptions religieuses immanentes ne sont plus les mêmes. On souligne, d'autre part, que les épitaphes sont, vraiment, un reflet de l'idéologie professée.

Mots-clé : épitaphes romains, épitaphes paléochrétiens.

Se os modelos iconográficos romanos passaram, naturalmente, dada a sua habitual visibilidade, para o universo cultural cristão — recordem-se o halo que, nos mosaicos e nas numismas, envolvia a cabeça do imperador e que bem depressa se adoptou para identificar os santos, assim como as coroas de flores em baixo-relevo dos monumentos funerários que pelos séculos se eternizaram... —, a fraseologia epigráfica, também pela visibilidade a ela inerente, seguiu caminho idêntico: o Papa foi *pontifex maximus*; os fiéis declaravam-se «servos de Deus»; Deus passou a ser *Dominus Noster*, como os imperadores; a devoção (*devotio*) saiu da esfera política e assumiu exclusividade mística, mesmo quando, no século XVIII (por exemplo), uma população se declara *devota numini maiestatique eius*, referindo-se a um papa.

A essa continuidade se poderá, no entanto, contrapor o que a nova ideologia definiria como diferente: o nome; a noção do tempo pessoal e colectivo; o Além, descanso e presença.

Um tocante epitáfio (IRCP 583) que se guarda no Museu de Elvas pode servir-nos de base para uma análise. Reza o seguinte (Fig. 1):

COMINIA · M(arci) · F(ilia) · AVITA / ANNOR(um) VIII (novem) / H(ic)
· S(ita) · E(st) · T(e) · R(ogamus) · P(raeteriens) · D(icas) · S(it) · T(ibi) · T(erra) ·
L(evis) / M(arcus) · COMINIVS · CLEMENS / VIBIA · M(arci) · F(ilia) · AVITA
/ FILIAE · FACIENDVM · CVRAR(unt)

Aqui jaz Comínia Avita, filha de Marco, de 9 anos. Rogamos-te, passante, que digas: «A terra te seja leve». Marco Comínio Clemente e Víbia Avita, filha de Marco, mandaram fazer à filha.



FIG. 1

Atente-se, em primeiro lugar, no modo de identificação dos intervenientes. À maneira romana, com a referência à família a que pertencem: o pai à família *Cominia*, que transmitiu, por conseguinte, à filha; a mãe, à *gens Vibia*. O pai tem *praenomen*: *Marcus*, um dos mais correntes; a mãe não o usa, como, aliás, é de norma, por não ser apanágio das mulheres. Vem de mãe e de filha o nome dos pais; neste caso, identificado o mesmo para ambas, *Marcus*, ainda que referente, naturalmente, a duas personagens diferentes. O que identificava realmente o indivíduo no seio da família era o *cognomen* e, na verdade, o pai é *Clemens* e a mãe *Avita*, *cognomen* este que houveram por bem dar à filha, para selarem uma pertença, uma vez que o gentílico tinha de ser o do pai. No nome da filha ficou, pois, marcada a continuidade onomástica materna.

Avita morreu com nove anos. Não há, aqui, nenhuma referência cronológica externa, ou seja, qualquer relação com o tempo oficial, a era em que se vivia e por que se pautavam os anos. Não. Aqui o que interessa não é esse tempo de todos: é o tempo de quem tão pouco tempo viveu. Um tempo pessoal.

E imagina-se, de facto, a dor de ambos os progenitores, patente no

pedido que formulam: *te rogamus praeteriens dicas...* Querem envolver outros no seu sofrimento, para, dessa forma, terem a ilusão de que o vão minorar. E não hesitam, pois, em estabelecer o diálogo, na certeza de que, gravado imorredoiamente no mármore, ele perdurará para sempre – e bem certo é que perdurou até aos nossos dias!... Diálogo que consubstancia também essa ‘comunhão’ entre vivos e mortos de que o dogma da «comunhão dos santos» será, na Igreja Católica, primordial reflexo.

Acontece, porém, que – a acentuá-lo – há o uso do presente: «digas». Agora que estás a passar – porque, bem o vês, Avita está aqui (*sita est*) e importa que não sofra, que a terra lhe seja leve. Sim, mas serás tu mesmo que lhe dirigirás a palavra: *sit tibi terra levis*, «que a terra te seja leve!», para melhor nela se repercutir essa presença.

Compreende-se assim a razão da escolha da decoração, quase sugerida apenas e sem grandes alardes: duas pombas, voltadas uma para a outra, parecem debicar um cacho de uvas (símbolo de reconfortante bebida no Além?), a ocupar, sintomaticamente, o espaço entre duas palavras: ‘anos’ e ‘nove’ – como se aí tivéssemos que parar, a fim de melhor consciencializarmos morte precoce e dolorosa.

Tudo se passa, por conseguinte, numa esfera terrena, sem alusão expressa a eventual morada diferente. A defunta jaz ali, eternamente com a idade com que feneceu. O epitáfio marca o lugar onde foram depositados os seus restos mortais. E é tudo.

Analise-se, agora, um epitáfio cristão (Fig. 2):

FISTELLVS VIR HONESTVS / VIXIT ANNOS LXX / REQVIEVIT IN
PACE / DIE VIII KALENDAS DECEMBRES ERA DXLVIII

*Fistelo, varão honesto, viveu 70 anos. Descansou em paz no 8º dia das calendas de Dezembro da era de 548.*¹

As diferenças são evidentes, a denunciar um outro espírito, outra mentalidade, outra filosofia existencial.

Para já, apenas um nome basta para a identificação. Primeiro, porque se trata de um ritual sagrado, alheio a burocráticos formalismos oficiais: o que conta é o nome pelo qual o defunto era conhecido no seio da sua «igreja», da sua comunidade de culto. E, embora se trate de um antropónimo singular, de que

¹ Ou seja, a 24 de Novembro de 510, pois se trata, aqui, da era de César, 38 anos mais do que a era cristã. Esta epígrafe assim como as cristãs que adiante se aduzirão foram exaustivamente estudadas por Manuela Alves Dias e Catarina Gaspar na obra citada na bibliografia, de que – com a devida vénia – também reproduzo as fotos publicadas. Esta epígrafe tem o n.º 17 (pp. 71-74).

há, na necrópole mirtilense, a variante *Festellus*, não andaremos certamente longe da verdade se dissermos que tal nome lhe terá sido atribuído quando já adulto, integrado na comunidade de crentes, a qualificar o seu carácter expansivo, alegre, festivo.



FIG. 2

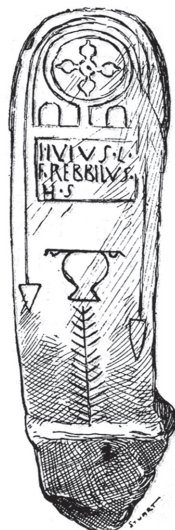


FIG. 3



FIG. 4

Importa, no entanto, algo acrescentar: um elogio! No tempo dos Romanos, o elogio maior era, sem dúvida, o de se considerar alguém «piedoso», uma vez que a *pietas* consubstanciava, na verdade, o que de mais nobre poderia haver no coração do Homem (PEREIRA, 2002, pp. 338-342). Cedo, porém, tal qualificativo, por tão usado, perdeu consistência real e terá assumido, decerto, uma outra conotação, reveladora do receio que os mortos sempre haveriam de inspirar: era apaziguador, quase apotropaico!... Como quem diz: «Foste piedoso em vida, revelando-te como tal perante os deuses e os homens. Não renegues agora essa tua qualidade; deixa-te estar tranquilo no túmulo, a terra te seja leve, e não venhas penar por aí, atormentando os vivos sobreviventes»... Aqui, não: trata-se de um elogio bem concreto, ainda não viciado de lugar-comum. Físelo revelou-se como «varão honesto», fiel à palavra dada, uma qualidade que, no dia-a-dia, quiçá não tenha sido muito prezada no mundo romano, pelo menos se atendermos aos relatos que dessa vida quotidiana nos chegaram!...²

² As autoras — sem, no entanto, se atardarem numa explicação — preferem traduzir *vir honestus* por «homem de condição social superior», acepção certamente influenciada pelo facto de, na epigrafia latina, o vocábulo *honor* estar frequentemente ligado às funções públicas exercidas; daí falar-se do *cursus honorum*.

Provecta foi a sua idade: 70 anos. E, se em época romana, habitualmente desconfiámos da validade efectiva dessa indicação em múltiplos de cinco, reflexo porventura da contagem referente ao recenseamento de lustro em lustro, não se nos afigura haver motivo para não crer, no caso vertente, que se trata mesmo de uma idade real, avançada, de facto, se atendermos ao que seria a baixa média de vida nessa época. Contudo, o que mais nos poderá chamar a atenção é a circunstância de, imediatamente a seguir, vir bem especificado o dia em que o falecimento ocorreu. Falecimento que vem mencionado através de uma serena forma verbal: *requievit in pace*, «descansou em paz»! (CAESSA, 1988). Eco, certamente, de frases da Escritura, assíduo motivo de reflexão no ritual litúrgico, em que a existência terrena seria comparada a uma corrida e a vida eterna ao merecido descanso do atleta ou do guerreiro.... Daí que não cause admiração a menção expressa do dia em que o passamento ocorreu, porque esse é o dia do nascimento para essoutra vida por que se aspirou: «Todos nós sabemos que, quando for destruída esta tenda em que vivemos na terra, temos no Céu uma casa feita por Deus, uma habitação eterna, que não foi feita por mãos humanas», proclamara S. Paulo na sua 2ª carta aos habitantes de Corinto (2 Cor. 5, 1).

Merecerá a pena atentarmos também na decoração, que apresenta algo de específico e algo que pode vir na sequência de uma tradição. O específico é, não temos dúvida, a cruz, que cedo passou a identificar o mobiliário e os rituais cristãos. Vemo-la circunscrita num círculo, uma cruz pátea, símbolo adoptado pelo Cristianismo devido a Cristo ter sido crucificado, mas que também constitui reflexo de outras ideologias.³

Particularmente significativo é, a meu ver, o motivo que acompanha a cruz: dois vasos laterais, de que sai, de cada um, um ramo estilizado. Encontramo-lo patente, por exemplo, numa estela romana exposta no Museu do Carmo, em Lisboa (DIAS, 2005, nº 1200, p. 223), datável da primeira metade do século I da nossa era.⁴ Amiúde se tem considerado estarmos perante a representação de um ramo de palmeira, uma vez que a palmeira simboliza a vitória e, numa pedra tumular, nada melhor para significar que, afinal, a crença na vida eterna constitui indefectível vitória sobre a morte.

³ Há uma outra cruz, latina, a marcar o final da epígrafe.

⁴ M. Alves Dias data a epígrafe do século II, sem apresentar, contudo, justificação. Afigura-se-me possível uma datação anterior, atendendo à simplicidade do texto, sem consagração aos Manes e de fórmula final sincopada (sem *est*), desprovida do voto *sit tibi terra levis*. Por outro lado, apesar das reticências de Vallejo, que ora o considera «un nombre hispano» (2005, 390) ora afirma «hay dudas sobre el indigenismo de *Rebbilus*» (2005, 521), eu tenho por mim que *Rebilus* é, de facto, um *cognomen* passível de ser incluído entre os antropónimos pré-romanos, pelo que mais se justificaria uma datação dos primórdios da ‘romanização’. A gravura que se apresenta - Fig. 3 - é retirada de VASCONCELOS 1913, p. 420, bonito desenho de Stuart Carvalhaes.

Tendo lido com mais atenção uma passagem de Floro (*Epitomae*, II, 33), relativa ao facto de os povos do Norte peninsular se haverem suicidado, aquando das lutas contra os Romanos, no momento em que a derrota estava certa, mascando as folhas altamente venenosas do teixo, árvore que, na altura e durante muito tempo aliás, esteve presente nos cemitérios, Julián de Francisco Martín e Marta González Herrero (2004) sugeriram que deveria ver-se, de preferência, em tal representação o símbolo dessa mortífera e, por isso, apotropaica árvore sagrada. Tenho considerado justa a aproximação, tão evidente ela se me tornou (2008), e talvez tenhamos no presente monumento de Mértola uma confirmação dessa hipótese interrogativa. A semelhança dos dois monumentos, mais de cinco séculos afastados no tempo, afigura-se-me impressionante, mormente se fizermos outra comparação, com os três elementos vegetais gravados na parte superior do epitáfio de *Proculius*, do Museu do Abade de Baçal (Fig. 4),⁵ atribuível à 2ª metade do século II e inícios do III da nossa era (REDENTOR, 2002, n.º 75, pp. 137-138), que, além de uma espécie de peanha, como se de uma escultura se tratasse, ostentam no cimo uma «bolota» que nada mais é, em meu entender, do que a representação das suas sementes encapsuladas. Um motivo cujo significado parece, pois, perdurar.



FIG. 5



FIG. 6

⁵ Tomo a liberdade de reproduzir, quer pela sua graciosidade, quer por melhor mostrar do que uma fotografia do monumento na actualidade, o desenho que Leite de Vasconcelos incluiu no II volume das *Religiões*, sob o n.º 82, p. 340.

Um outro epitáfio cristão (Fig. 5), também ele proveniente de Mértola e estudado por Manuela Alves Dias e Catarina Gaspar (nº 18, pp. 74-76), pode ser aduzido para confirmar o que se acaba de referir em relação ao teixo, neste último usado em jeito de coroa, tal como se vira também noutros monumentos de época romana (Fig. 6),⁶ e aqui com mais um elemento a mostrar continuidade de hábitos epigráficos romanos: a presença da hera *distinguens*, neste caso a assinalar o final do texto.

Reza o seguinte essa estela mirtilense:⁷

POSSIDONIVS / PRESBITER VIXIT / ANNOS PLVS MINVS /
QVINQVAGINTA / REQVIEVIT IN / PACE DOMINI DIE / XII KALENDAS
SEP/TEMBRES ERA / DL (*hedera*)



FIG. 7

*Possidónio, presbítero, viveu mais ou menos 50 anos. Descansou na paz do Senhor no dia 12 das calendas de Setembro da era de 550.*⁸

De notar, além do nome único, de amplas ‘ressonâncias’ cristãs,⁹ a referência à função sacerdotal que exerceu no seio da comunidade; e, no caso da decoração, uma espécie de cruz pátea de braços vazados e as duas colunas laterais, eco, porventura, de monumentos funerários romanos não muito longe de *Myrtilis*, na Quinta de Marim, Olhão (IRCP 45 - Fig. 7). Uma continuidade que, dir-se-ia, plenamente se assume.

⁶ Reproduz-se a imagem, com a devida vénia, de SANTOS, LE ROUX e TRANOY, 1983, lam. X, nº 33. Trata-se de uma estela guardada no Museu Pio XII, em Braga.

⁷ Desdobram-se, como atrás se fizera, as siglas e as abreviaturas, sem indicação expressa, para maior clareza na leitura. Apenas se assinala a mudança de linha.

⁸ Ou seja, a 21 de Agosto de 512, pois se trata, como se disse, da era de César, 38 anos mais do que a era cristã.

⁹ Veneram-se em Mirandola, na região da Emiglia-Romagna, as relíquias de um S. Possidónio (também conhecido por Possídio), bispo de Calama, na Numídia, discípulo e colaborador de S. Agostinho. Segundo a tradição, foi Genserico, rei dos Vândalos, que, no ano de 437, o terá expulsado da sua diocese e determinado o seu exílio na Itália.

E não resisto a comparar o que se viu na placa de *Cominia Avita* com as duas pombas a ladear a cruz (Fig. 8), motivo que encima o epitáfio de *Aianes, honesta femina, famula Dei*, também ele identificado em Mértola (DIAS e GASPAR, 1988, nº 25, pp. 88-89).



FIG. 8

E, ainda, o *hora pro me* do epitáfio de *Festellus* (DIAS e GASPAR, 1988, nº 30, pp. 98-100) com o pedido de igual teor dicas *sit tibi terra levis*, antecessores ambos do que é frequente nos nossos dias: P. N. A. M. – que é como quem diz «Reza por mim um pai-nosso e uma ave-maria».

Em conclusão:

São os epitáfios, em todas as épocas, reflexo de uma ideologia, de uma crença, uma metafísica. Nos dizeres e na decoração.

Sentimo-lo sempre que os estudamos, embora não seja estranho que nos intriguemos ainda, ao lermos sobre a campa sem cruz dum cemitério português actual: 1 Pedro 1 : 3 e, na linha seguinte, Atos 24 : 15. Denunciam a pertença a uma crença religiosa cristã, pois que a primeira é a referência à seguinte passagem da 1ª carta de S. Pedro:

«Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que na Sua grande misericórdia nos regenerou pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos para uma esperança viva».

Manifesta a segunda, retirada do livro dos Actos dos Apóstolos, a

mesma fé na ressurreição final:

«Tenho esperança em Deus de que há-de haver ressurreição».

Ontem com hoje, em todos os tempos e lugares, continuidade e inovação, dentro, todavia, de análogos parâmetros existenciais.

Bibliografia

CAESSA, Ana Isabel de Sá, Viver docemente e descansar em paz!, *Jornal de Coimbra*, Coimbra, 27-07-1988, p. 21.

DIAS, Maria Manuela Alves, Epigrafia romana. ARNAUD, José Morais e FERNANDES, Carla Varela, *Construindo a Memória (As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo)*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2005, p. 220-233.

DIAS, Maria Manuela Alves e GASPAR, Catarina Isabel Sousa – *Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2006.

ENCARNAÇÃO, José d', Eburobriga, 'cidade' do teixo, *Eburobriga*, 5, Fundão, Museu Municipal, 2008, p. 109-120. Disponível em <http://hdl.handle.net/10316/10236>

FRANCISCO MARTÍN, Julián de e GONZÁLEZ HERRERO, Marta, Taxus bacata, *Conimbriga*, 43, Coimbra, Instituto de Arqueologia, 2004, p. 191-198.

IRCP = ENCARNAÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra, Instituto de Arqueologia, 1984. Disponível em <http://hdl.handle.net/10316/578>

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Estudos de História da Cultura Clássica – II volume – Cultura Romana*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, ³2002.

REDENTOR, Armando, *Epigrafia Romana da Região de Bragança*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 2002.

SANTOS, Luciano dos, LE ROUX, Patrick e TRANOY, Alain, Inscrições romanas do Museu Pio XII em Braga, *Bracara Augusta*, 37, Braga, Câmara Municipal de Braga, 1983, p. 183-205.

VALLEJO RUIZ, José María, *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, Universidad del País Vasco, 2005.

VASCONCELOS, José Leite de, *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, Imprensa Nacional, II, 1905; III, 1913.

Índice

INTRODUÇÃO	7
JOSÉ LUIS RAMÍREZ SÁDABA - Augusta Emerita entre romanos e bárbaros: testimonios epigráficos	9
JOSÉ d'ENCARNAÇÃO - Formulários epigráficos	35
AMÍLCAR GUERRA - Notas sobre as perdurações onomásticas pré-romanas no ocidente peninsular	47
MANUEL SALINAS DE FRÍAS - Un hito catastral de Constantino II y algunos aspectos relativos a Lusitania durante el siglo IV	71
JOÃO L. DA INÊS VAZ - Apontamentos de arquitectura e epigrafia paleocristãs da Lusitânia	89
PEDRO GOMES BARBOSA - Os judeus e as leis visigodas	113
MAURICIO PASTOR MUÑOZ - El final de los <i>Munera et Venationes</i> en Lusitania	121
JAVIER ANDREU PINTADO - Imagem imperial y ornamentación urbana en Lusitania: a propósito de los pedestales imperiales tardoantigos	151
JONATHAN EDMONDSON - The administration of Lusitania from the reforms of Dioclecian to c. 340	179
SABINE LEFEBRE - Réception du pouvoir impérial en Lusitanie de Dioclétien à la fin de la dynastie constantinienne	223
ANDRÉ CARNEIRO - Mudança e continuidade no povoamento rural no Alto Alentejo durante a Antiguidade Tardia	281

INÊS VAZ PINTO, ANA P. MAGALHÃES, PATRÍCIA S. BRUN - Tróia na Antiguidade Tardia	309
MARIA JOÃO CORREIA SANTOS - Mogueira: um espaço sagrado na encruzilhada de dois mundos	335
CATARINA TENTE, ADRIAAN DE MAN - O fim da Lusitânia: fragmentação e emergência de poderes no território de Viseu	375
PEDRO C. CARVALHO - O final do mundo romano: (des)continuidade e/ou (in)visibilidade do registo nas paisagens rurais do interior norte da Lusitânia	397
JOÃO L. DA INÊS VAZ - À guisa de conclusão	437

Afinal, onde pára a nossa Lusitânia? Morreu?

Não, porque só há morte quando a memória desaparece e a memória da Lusitânia ressurgiu em força.

Aqui estamos hoje, não para decretar a morte da Lusitânia, mas apenas para uma paragem que nos levará a ressuscitar a memória cada vez mais viva e mais clara do que foi esse passado glorioso.



Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR PORTUGAL



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

